

Dr. educado **Educadores discutem uso do computador no ensino especial**

Marina Oliveira
de Brasília
Especial para GZMDF

O uso inteligente do computador pode ser a chave para acabar com a separação entre os alunos portadores de necessidades especiais e os chamados normais. Esse foi o principal tema das palestras do I Simpósio sobre Ensino Especial - evento paralelo ao IV Congresso Ibero-Americano de Informática na Educação - no Centro de Convenções Ulysses Guimarães.

Especialistas europeus e latino-americanos atacaram a forma burra como as escolas vêm usando a máquina. "Reproduzir o modelo do quadro negro e do giz, numa tela de micro não resolve o problema de ninguém", diz José Armando Valente do Núcleo de Informática Aplicado à Educação da Universidade de Campinas (Unicamp).

Segundo ele, a tendência seguida até o momento, principalmente em se tratando de ensino especial, tem sido a de produzir software que cumpram a função de repassar conteúdos e verificar o aproveitamento do aluno, por meio de exercícios. "A evolução técnica se limitou a colocar o portador de necessidades especiais dentro desse esquema ultrapassado", critica.

José Gabriel Zatto, da Escola Politécnica de Madrid, faz coro. "A máquina precisa servir a todos igualmente, ajudando no processo de integração e inclusão mais amplo dos deficientes", defende.

A idéia é que o computador só pode provocar uma revolução na escola quando muda o próprio conceito da aprendizagem. O caminho, para os especialistas, seria substituir a memorização de matérias, pelo desenvolvimento de competências. As mais importantes delas: o hábito de criar e pen-

sar, conhecer suas potencialidades cognitivas, emocionais e afetivas e de trabalhar em grupo.

Dentro dessa visão, o computador bem utilizado é aquele dotado somente de programas para resolução de problemas específicos como editores de texto e planilhas de custo, por exemplo.

O próprio aluno constrói o conhecimento usando essas ferramentas. Primeiro, apresenta a máquina sua idéia para solucionar um problema. O computador traduz esse raciocínio e o executa, tornando o pensamento da criança concreto. "O abstrato ganha contorno exato", explica Valente.

Diante do resultado final de sua idéia, o estudante começa a refletir se esse é a melhor resposta ou não para o problema apresentado. Caso não se sinta satisfeito, o aluno terá que queimar os próprios neurônios na busca de soluções alternativas.

O grande mérito disso para integrar os alunos com necessidades especiais é tornar a aprendizagem individual. Cada estudante tem seu ritmo respeitado e constrói o conhecimento a partir da bagagem que traz para sala de aula. "Qualquer um de deficiente a superdotado, passando pelos chamados normais, tirariam proveito igualmente dessa experiência", argumenta o especialista da Unicamp.

Nessa abordagem pedagógica o fator determinante para o sucesso, entretanto, não é a máquina e sim as pessoas. O professor teria que mudar completamente seu papel, adotando uma postura de alguém preparado, com experiência e conhecimento suficientes para ajudar os alunos a descobrir as potencialidades do computador na aprendizagem.

GAZETA MERCANTIL

22 SET 1998

22 OUT 1998